

## Saúde

### **A doença que a sociedade pune**

**Parintins tem aumento de cerca de 30% dos casos de Aids a cada ano. Despreparo na hora do atendimento, preconceito e falta de campanhas mais incisivas podem ser as respostas.**



***Yasmin Ribeiro Gatto Cardoso<sup>1</sup>***  
***Rafael Bellan Rodrigues de Souza<sup>2</sup>***  
***Universidade Federal do Amazonas – Ufam***

Drama, despreparo, frieza e Aconselhamento (CTA) e aceitaram relatar constrangimento são as palavras mais para o Lacrima. utilizadas pelas pessoas que fizeram o teste Ciente de que ia fazer o teste, K.S saiu rápido para o HIV no Centro de Testagem e de casa tranquila, quando chega ao CTA e

---

1 Estudante do 6º período de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal do Amazonas – Campus Parintins.

2 Professor doutor do curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal do Amazonas – Campus Parintins/ Orientador do trabalho.

percebe como está sendo tratada e olhada, a tranquilidade deixa de existir. O nervosismo e o frio na barriga tomam conta de K.S principalmente quando a psicóloga a chama para receber o resultado.

*“As pessoas responsáveis por fazer o teste no laboratório nos olham como se estivéssemos feito algo de errado. Não é como se a gente fosse fazer um exame de sangue onde as pessoas falam com a gente, dizem que vai doer, como vai ser, lá no laboratório elas sequer olharam para mim”.*

*“A minha maior preocupação é em relação aos resultados que dão positivo porque comigo que deu negativo ela já foi dramática, imagine com quem é soropositivo, as pessoas devem sair dali desesperadas, imaginando que vão morrer”.*

*“Eu nunca tinha feito o teste antes, mas a experiência foi tão ruim que não quero passar por isso novamente, pelo menos não aqui” (Mulher, 21 anos, casada).*

Marido de K.S, E.S também foi ao Centro determinado a fazer o teste, pois já fazia parte de sua rotina. Mas, chegando lá o despreparo na hora do atendimento o assustou.

*“Quando cheguei ao laboratório, eu achei as pessoas muito frias, nem olharam direito pra gente. A pessoa responsável por fazer o teste comigo perguntou por que eu fui fazer e respondi que era exame de rotina, mas ela não fez o questionário para saber se eu estava dentro do grupo de risco, como é*

*de costume em outras cidades” (Homem, 21 anos, casado).*

Outra pessoa que foi fazer o teste nos relatou sua experiência. O nosso entrevistado também nos disse que em nenhum momento houve a identificação da profissional, no final do teste foi ele quem perguntou qual a profissão dela.

*“A enfermeira começou a fazer o questionário e foi nesse momento em que eu senti o despreparo dessa profissional, ela começou a fazer perguntas sobre a minha vida pessoal, se eu bebo, se eu uso drogas, o tempo todo com um risinho escondido em relação a algumas coisas que eu respondia, principalmente em relação ao número de parceiras, ela é enfermeira e lida com esse tipo de coisa, não pode agir assim”.*

*“Durante o questionário eu perguntei se eu podia falar abertamente e ela disse que sim, que era sigiloso. Depois de ela falar sigiloso, começamos a conversar mais, depois disso, ela expressa informações de outras pessoas, não dando nome, mas contando os casos que existem aqui, dando detalhes de outras entrevistas pra mim. Se o questionário é seguro ela não podia fazer isso”.*

*“Achei constrangedor os comentários sobre outras entrevistas, eu achei ruim os risos, a chacota. É o despreparo de uma profissional que trabalha fazendo testes e*

*aconselhamento” (Homem, 37 anos, solteiro).*

Esse é um recorte do retrato dos profissionais que trabalham no CTA, o único Centro que faz testagem em Parintins, um município que detém de estrutura para cuidar de casos de AIDS, mas o número só aumenta a cada ano. Talvez aqui, nesses relatos, esteja o porquê desse crescimento.

#### **HIV/AIDS\***

Ainda hoje existem pessoas que desconhecem a diferença entre o HIV e a AIDS, entendendo esses conceitos como se fosse uma coisa só. É preciso que se conheça essa diferença, pois o vírus da imunodeficiência humana - HIV - é um retrovírus que causa a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida – AIDS, que é o estágio mais avançado da doença que ataca o sistema imunológico.

Há várias fases da doença, a primeira fase é chamada de infecção aguda, quando ocorre a incubação do HIV (tempo da exposição ao vírus até o surgimento dos primeiros sinais da doença). Esse período varia de 3 a 6 semanas. E o organismo leva de 30 a 60 dias após a infecção para produzir anticorpos anti-HIV.

A próxima fase é marcada pela forte interação entre as células de defesa e as constantes e rápidas mutações do vírus, mas

que não enfraquece o organismo o suficiente para permitir novas doenças, pois os vírus amadurecem e morrem de forma equilibrada. Esse período pode durar muitos anos, e é chamado de fase assintomática.

Com o frequente ataque, as células de defesa começam a funcionar com menos eficiência até serem destruídas. O organismo fica cada vez mais fraco e vulnerável a infecções comuns. A fase sintomática inicial é caracterizada pela alta redução dos glóbulos brancos do sistema imunológico – linfócitos T CD4 - que chegam a ficar abaixo de 200 unidades por mm<sup>3</sup> de sangue. Em adultos saudáveis, esse valor varia entre 800 a 1.200 unidades.

#### **Histórico\***

No Brasil foi descoberta na cidade de São Paulo o primeiro caso no ano de 1982. Segundo dados do Ministério da Saúde, desde o início da epidemia até junho de 2011 foram notificados 608.230 casos registrados de AIDS em todo país.

O Amazonas é o terceiro no *ranking* de estados com maior incidência da síndrome, sendo 30,9 casos a cada 100 mil habitantes. Os estados do Rio Grande do Sul e Roraima são os primeiros colocados, respectivamente (acompanhe a tabela I no fim da reportagem).

No município de Parintins, localizado há 325 km da capital do Estado, o primeiro

caso foi diagnosticado no ano de 1992. Desde esse ano os casos da doença vêm aumentando consideravelmente, havendo uma pequena diminuição no ano de 2012. A Policlínica Municipal Padre Vittorio Giurin foi a pioneira nos tratamentos da doença no município, e no ano de 2007 surgiu o Centro de Testagem e Aconselhamento – CTA - que passou a fazer os testes rápidos de HIV e encaminhar os pacientes soropositivos para a policlínica.

Os dados mais recentes da casa Padre Vittorio datam do dia 14 de setembro de 2012, a planilha fornecida indica que desde o ano 2000 até 2012 o total de casos é de 271, sendo 195 pacientes vivos, 76 óbitos e 103 em tratamento.

Segundo a técnica do centro de citologia, Yomara Pessoa Garcia, Parintins é um município polo de tratamento. Alguns municípios do interior do estado também fazem tratamento na cidade. São eles: Nhamundá, Barreirinha, Juruti e alguns casos raros de Santarém. Isso acontece devido a cidade ter mais estrutura para lidar com os pacientes portadores do vírus, sendo que já faz esse acompanhamento há mais de duas décadas.

#### **Tratamento em Parintins/Manaus**

O município de Parintins hoje tem apenas um lugar para fazer o teste rápido de HIV, que é no CTA. A enfermeira Mireille

Maia falou que “atualmente é assim, mas o ministério da saúde tem um programa chamado *Rede Cegonha* que vai disponibilizar o teste em todos os postos de saúde do município, mas ainda não foi implantado”.

De todas as doenças existentes no município, há aquelas em que existe suspeita do paciente ter o vírus da Aids. Conforme essa especulação o paciente é encaminhado ao CTA para fazer o teste rápido, se der positivo eles encaminham por escrito o paciente para a policlínica Padre Vittorio, e o tratamento fica sendo feito somente lá. A equipe da policlínica responsável pelos portadores do vírus conta com três enfermeiros que são responsáveis por receber os pacientes encaminhados.

O primeiro procedimento feito é o de enfermagem, depois as consultas médicas e dependendo da situação do paciente, ele também é encaminhado à assistente social. Parintins só conta com uma psicóloga que orienta os portadores do vírus, e ela fica trabalhando diretamente no CTA, mas de acordo com uma das enfermeiras do Serviço de Assistência Especializada – SAE, Ivanira Pimentel Lemos, “os pacientes já tem o primeiro contato com a psicóloga no CTA e quando nós precisamos da psicóloga na casa Padre Vittorio ela vem sem problema nenhum e também faz visitas nas casas, junto com os enfermeiros”.

Desde 1992 a Padre Vittorio conta com um banco de dados dos portadores do vírus, é nele que consta o número de identificação de cada paciente, os prontuários, exames feitos, *xerox* de documentos, evolução da doença e pareceres clínicos.

Segundo Ivanira Lemos, os pacientes só são encaminhados para Manaus quando o quadro da doença está muito grave e eles percebem que não podem mais fazer o tratamento na cidade. “Para que o tratamento ocorra bem o paciente precisa ter uma boa alimentação, mas alguns não têm condições, param de tomar os remédios porque são fortes, e os sintomas da Aids começam a aparecer. A gente resolve internar ou no hospital Padre Colombo ou no Jofre Cohen e quando vemos que é preciso um especialista, no caso um infectologista, fazemos o encaminhamento para Manaus”, enfatiza a enfermeira.

Quando o médico encaminha para Manaus, automaticamente o paciente está sendo transferido para a Fundação de Medicina Tropical - FMT, onde fará o tratamento com o infectologista. O encaminhamento é feito por meio do documento assinado pelo médico e chama-se Tratamento Fora do Domicílio – TFD, no qual constam todos os dados do paciente. Segundo Ivanira Lemos, o paciente encaminhado recebe toda assistência, há uma casa filantrópica que os pacientes podem

ficar, há uma equipe social que realiza todo o trabalho de assistência a eles e aos familiares. A enfermeira também buscou enfatizar que o tratamento que é feito no município é igual ao que é feito na capital do estado.

### **Número de casos registrados**

“É difícil avaliar desde quando houve um aumento significativo no número de casos de Aids em Parintins, pois esses registros só começaram a ser feitos em 92, mais ou menos junto com o surgimento do SUS. Desde esse ano até hoje, já houve um crescimento da cidade e é preciso que se leve isso em consideração”, afirma Ivanira Lemos.

Os casos de HIV/Aids só começaram a ser divulgados pela mídia a partir do ano de 2004 e foi aí que os registros tiveram uma significância maior. A enfermeira ressaltou: “Não posso dizer que não tinha muitos casos, Parintins sempre teve muito. Os casos são proporcionais à população, naquele tempo tinha de acordo com aquela população, hoje com mais de 100 mil habitantes, tem muito caso. O registro é muito alto atualmente, se formos considerar por serviço, são mais de 300 casos desde 1992”.

A incidência dos casos na cidade é muito alta, segundo a enfermeira os órgãos responsáveis e a própria imprensa sabem que o índice é alto e que teoricamente forma uma epidemia silenciosa. “Todos sabem que ela

existe, mas ela continua avançando devagar. Essa doença não é como a dengue, por exemplo, que quando explode vai contaminando todo mundo, os hospitais ficam lotados, há uma mobilização de limpeza nos quintais. A Aids não, ela é silenciosa até certo ponto e a pessoa só sabe que tem quando faz o teste”, explica a enfermeira.

Em 2009 foi feito um levantamento acerca dos números registrados no município desde o ano de 2000 e foi constatado que a cada ano cresce em cerca de 30% o número da doença. É como se somasse o número de casos de um ano mais 30% do outro ano e assim por diante (2012 [número de casos] + 30% = número de casos em 2013).

De cerca de 300 casos notificados no município, somente 103 pessoas fazem o tratamento com o uso de medicação, que é conhecido popularmente como coquetel, no caso, o antirretroviral e 40 pacientes fazem o tratamento sem precisar do uso do medicamento, utilizando somente os serviços clínicos e psicológicos. Ainda assim, 157 pacientes desistiram, desaparecendo sem dar explicações.

De acordo com dados da policlínica o maior número de casos da doença é em heterossexuais e o principal motivo é o sexo sem camisinha. Em todos os anos eles são o primeiro grupo com maior incidência da doença e em seguida são os homossexuais. “Ainda existe muito o preconceito com os

homossexuais, as pessoas acham que só pega Aids quem é *gay* e isso não existe. Se a pessoa está em alguma situação de risco, ela pode contrair a doença”, afirmou a enfermeira Ivanira Lemos.

As situações de risco são o sexo sem camisinha (oral, vaginal ou anal); compartilhamento da mesma seringa ou agulha e a mãe infectada pode passar o HIV para o filho durante a gravidez, o parto e a amamentação.

### Campanhas



### Cartaz publicitário do Ministério da Saúde

Nacionalmente existem duas grandes campanhas, que são a campanha do carnaval e a campanha do dia 1º de dezembro (Dia Mundial de Combate à Aids). O município de Parintins conta com uma campanha a mais, no período do Festival Folclórico.

Segundo a enfermeira Ivanira Lemos, as campanhas no município são muito focadas nesses períodos, mas a assistência básica complementa esse trabalho, fortalecendo a prevenção.

“Existem as campanhas onde o CTA se torna itinerante, ele sai daqui e vai para as unidades de saúde, vai para as escolas, para os interiores, para onde for solicitado. A campanha é feita por meio de palestras, distribuição de camisinhas e oferecimento do teste rápido”, afirma a enfermeira Mireille Maia. O que se pode perceber é que as campanhas realizadas no município são insuficientes, pois mesmo a cidade tendo três campanhas o número de incidência ainda continua alto.

A psicóloga do CTA, Maria Aparecida Vicente da Silva, diz: “Acredito que agora deu uma equilibrada no número de casos, porque antes eu era muito solicitada. Por exemplo, no ano de 2012 foi bastante falado na mídia, então veio muitas pessoas procurando o Centro para fazer o teste e poucos foram os resultados positivos, mas o ano de 2010 foi bem intenso em relação aos reagentes positivos para o HIV”.

A médica acredita que com a divulgação das campanhas as pessoas tomaram mais consciência em procurar fazer os testes e se preservar, diminuindo os números de casos dentro de Parintins.

A distribuição de camisinhas em Parintins é feita nos postos de saúde e de forma itinerante na época das campanhas. Há quem diga que o fato de pedir camisinhas em postos de saúde é constrangedor, pelo fato que as pessoas olham com certo preconceito para quem faz isso.

*“Eu cheguei lá no posto de saúde, disse que queria camisinha e me encaminharam para a farmácia, o moço perguntou quantas eu queria e vim embora. Não tive nenhum constrangimento em relação a isso” (Homem, 20 anos, solteiro).*

*“Fui lá no posto de saúde, disse que queria camisinha a mulher me olhou da cabeça aos pés e perguntou minha idade, se eu era solteira ou se tinha um companheiro e de forma muito automática me cedeu as camisinhas” (Mulher, 22 anos, casada).*

Pelos relatos acompanhados houve diferença no tratamento do homem e da mulher. No município ainda existe grande preconceito em torno dessa questão de gênero, só o homem pode fazer isso, a mulher não.

#### **Enquete: “O POVO FALA”**

Antes dessa reportagem não sabíamos nada sobre campanhas de combate à Aids no município. Intrigados com as informações recebidas, de que elas são efetivas, a equipe Lacrima saiu às ruas de Parintins para perguntar a população sobre o conhecimento das campanhas contra a Aids.

Fizemos uma enquete perguntando sexo e idade; se as pessoas conheciam as campanhas e se elas já tinham ido a um posto de saúde para pedir camisinhas. Dos 60 entrevistados, 36 foram homens e 24 mulheres entre dezenove e quarenta e cinco anos. Sobre camisinhas somente 11 pessoas

admitiram ter ido a um posto de saúde. Acerca das campanhas, 28 pessoas admitiram que as conhecem, mas nunca participaram de nenhuma e 32 pessoas desconhecem totalmente a existência de campanhas dentro do município.

Não possuímos métodos quantitativos exatos, mas o “povo fala” foi uma maneira que a equipe de reportagem encontrou para contrapor certas informações que nos foram passadas pelos órgãos oficiais. E que fique claro que esses números são uma estimativa feita de forma aleatória que mostra um resultado parcial sem preocupação com análises estatísticas.

Contudo, essa sondagem permite aferir que as campanhas não são tão incisivas, pois a maior parte dos entrevistados não participa das ações feitas pelos órgãos de saúde ou mesmo desconhecem.

## Preconceito



## Cartaz publicitário do Ministério da Saúde

Magro, quase sem cabelos, com alergias em todo o corpo, dificuldade na fala e mãos tremendo por conta do uso do medicamento, S.G. de 33 anos aceitou dar um depoimento com a condição de que não tivesse o nome divulgado. O motivo? Medo do preconceito.

Há seis meses, S.G. descobriu que estava infectado com o vírus da Aids já em estado avançado. Segundo ele, só soube que estava com a doença porque sofreu um acidente de moto e teve que fazer uma série de exames, inclusive o teste rápido de HIV. “Sabia da existência da doença, mas nunca achei que fosse acontecer comigo, por isso nunca me preocupei em fazer o teste”, disse.



Homossexual assumido, ele nunca teve medo de mostrar sua orientação sexual para a família e amigos. Quando soube que estava com Aids sua primeira reação foi o desespero. Depois, mais calmo, teve que contar para a família sobre a doença: “Quando soube que estava com Aids, pensei que fosse morrer, mas depois minha mãe disse que só dependia de mim fazer o tratamento certo, para viver por muito tempo ainda”, explicou.

Segundo a enfermeira Ivanira Lemos, o preconceito existe com a Aids, seja o portador homo ou heterossexual. “O preconceito é igual quando se tem o vírus, mas as pessoas tem preconceito com vírus ou sem ele para com os homossexuais. Parece que está escrito na testa deles: TENHO AIDS, o que aqui em Parintins é bem o contrário”.

Por ter descoberto a doença em um estágio grave, S.G. teve que ser encaminhado para Manaus. Chegando lá, foi fazer outra série de exames na Fundação Tropical, onde recebeu apoio da equipe clínica. Ele disse que em Manaus não sentiu nenhum preconceito por parte das pessoas que cuidavam dele, o que fez com ele ficasse mais calmo.

Mas, ao contrário do que nos foi relatado aqui, a única ajuda dada a ele pelo

município de Parintins foram as passagens. Em Manaus tudo foi por conta própria, comida e transporte o que dificultou o tratamento, pois segundo ele, a família não tinha condições para isso.

Atualmente, já está sendo tratado no município e quase todos os dias recebe visitas de médicos, enfermeiros e agentes de saúde. Tem tomado o coquetel várias vezes por dia e acredita que a família é o melhor suporte nessa hora. Um momento em que foi difícil para ele, foi quando todos os pacientes do quarto em que estava no Tropical foram morrendo aos poucos. “Foi desesperador, eu sei que eu vou morrer com essa doença, mas ainda acredito que tenho muito tempo pela frente, vou me recuperar com os remédios e ainda quero voltar a trabalhar na confecção das roupas do meu boi”, desabafa.

#### **Fontes consultadas:**

**\* (Alguns dados foram retirados da página do MS), acompanhe:**

**\* <http://www.aids.gov.br/pagina/historia-da-aids>;**

**\* <http://www.aids.gov.br/pagina/o-que-e-hiv>;**

**\* <http://www.aids.gov.br/pagina/o-que-e-aids>**

Tabela I

Estados com maior incidência de AIDS	
Unidade da Federação	Número de casos a cada 100 mil habitantes
Rio Grande do Sul	37,6
Roraima	35,7
Amazonas	30,9
Santa Catarina	30,2
Rio de Janeiro	28,2
Espírito Santo	20,4
Pará	19,5
Paraná	19,0
Mato Grosso do Sul	17,9
Mato Grosso	17,4
Amapá	17,2
Pernambuco	17,0
Rondônia	16,6
São Paulo	15,9
Distrito Federal	15,8
Maranhão	14,1
Goiás	14,0
Bahia	12,0
Minas Gerais	12,0
Sergipe	11,9
Ceará	11,1
Piauí	11,0
Rio Grande do Norte	10,6
Alagoas	10,6
Paraíba	10,5

Tocantins	9,5
Acre	7,2

\*Fonte: Ministério da Saúde. Última atualização: 28/11/11